

PELA ENCARNAÇÃO DA SOCIOLOGIA DA JUVENTUDE

FOR THE EMBODIMENT OF SOCIOLOGY OF YOUTH

Vitor Sérgio Ferreira

Sociólogo. Pesquisador em Pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal)

< vitor.ferreira@ics.ul.pt >

RESUMO

As transições no curso da vida têm uma visibilidade imediata na leitura social do corpo. A «juventude» ou a «idade jovem», enquanto fase da vida, é de fato um tempo socialmente construído, porém codificado no corpo. Uma fase de transição que dura cada vez mais tempo e que se tenta que perdure, considerando as atuais promessas mercantis de *juvenilização* dos corpos. Em última instância, é-se jovem quando se começa a parecê-lo, e transpõe-se a condição juvenil quando se deixa de (conseguir) transparecê-lo.

Há, efetivamente, normatividades que enquadram a *figura* do jovem, em grande medida estabelecidas com base em critérios de ordem corporal. O «corpo jovem» constitui uma figura de referência e de reverência para as mais velhas gerações, sendo um corpo celebrado em visuais, movimentos e sensações entre as gerações mais jovens, em que prazeres se misturam com riscos.

Partindo de uma sistematização dos estudos de natureza sociológica, produzidos em Portugal em torno de questões concernentes ao corpo e à sua relação com os jovens, pretende-se, neste artigo, perceber o poder heurístico desse «novo» objeto nos estudos de juventude, em termos teóricos e metodológicos.

Palavras-chave: juventude; corpo; sociologia; incorporação; encarnação

ABSTRACT

The transitions in the life course have an immediate visibility in the social reading of the body. The “youth” or “young age”, as a life stage, is definitely a socially constructed time, although codified in the body. A transition stage that lasts increasingly longer and that one endeavours to make it last, considering the current mercantile promises of body juvenility. One is young when one starts to look young, and one transposes the youth condition when one stops (being able to) appear as young.

In fact, there are norms that comprise the figure of the young person, to a large extent established on criteria of a corporal order. The «young body» is a figure of reference and of reverence for the older generations, being a body celebrated in visuals, movements and sensations among the younger generations, where pleasures and risks mix.

Based on a systemisation of the sociological studies produced in Portugal about issues concerning the body and its relationship with young people, it is the aim of this article to understand the heuristic power of this «new» object within youth studies, in theoretical and methodological terms.

Keywords: youth; body; sociology; incorporation; embodiment

Introdução

Um dos rumos dos jovens de hoje tem sido em direção ao seu próprio corpo, nos cultos à sua imagem, nos desafios aos limites dos seus gestos, na exploração dos seus sentidos e sensações, procedimentos muitas vezes valorizados e intensificados pelos próprios riscos físicos e sociais em que incorrem. Este rumo de vida não tem sido, todavia, seguido de perto pela investigação sociológica que toma os jovens nas suas mãos. Isso, em grande medida, em virtude do trabalho de desconstrução sociológica e de arqueologia social, em torno das categorias «juventude» ou «jovem», ter-se realizado a partir de estratégias de evitamento e distanciação dos biologicismos, naturalismos e evolucionistas arreigados à categoria «adolescência». Essa foi, efetivamente, uma categoria analítica

amplamente celebrada e legitimada pela psicologia, que sempre cuidou de olhar para o «adolescente» do ponto de vista do desenvolvimento biológico e fisiológico, fazendo coincidir essa fase de vida com a «puberdade».¹

Nesse contexto, a sociologia interessou-se pouco pela dimensão propriamente corporal, implicada dessa «nova idade de vida» que é a juventude, parafraseando Galland (1990), quer em termos do valor simbólico e de uso social que a figura do «corpo jovem» assumiu na sociedade contemporânea, quer do valor simbólico e de uso social que os jovens dão ao seu próprio corpo, nas representações que dele têm e nas vivências sociais que dele fazem. Com a exceção de alguns estudos produzidos pelo Centre for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham) após a II Guerra Mundial, onde os visuais das ditas «subculturas juvenis» foram objeto de algum destaque, só mais recentemente, já no decorrer dos anos 90, a sociologia começou a olhar com mais atenção para os jovens a partir dos seus corpos. No entanto, com um interesse ainda bastante marginal na agenda da designada «sociologia da juventude». Muito mais marginal que o valor que lhe é socialmente conferido.

Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo será diagnosticar as razões pelas quais a sociologia da juventude deveria prestar mais atenção às representações sociais sobre o «corpo jovem», às relações que os jovens mantêm com os respectivos corpos, bem como às relações que constroem nas suas interações nucleares, com base em práticas que mobilizam o corpo, sejam elas de ordem imagética, cinética ou sensitiva. Por outro lado, pretende-se ainda propor um ponto de vista analítico sobre a captação desse objeto de estudo, cruzando a área da sociologia da juventude com os paradigmas da sociologia do corpo.

O valor social do «corpo jovem»

Não obstante a *juventude* ser uma categoria recentemente inventada e socialmente construída, que apenas e tão-somente seja uma *palavra*, como diz Bourdieu (1980), ou uma *metáfora*, como nos apresenta Feixa (1993), é um pressuposto que incorre numa atitude de extremo nominalismo. Ainda que a «idade jovem» seja histórica e contextualmente «um

facto social instável» (Gauthier, 2000) e que, por consequência, os limites para a aferição sociológica da «juventude» não sejam de natureza eminentemente biológica e não se determinem exclusivamente pela idade dos indivíduos, certo é que, socialmente, ser jovem passa pela codificação etária de um dado modelo de corporalidade.² Isso na medida em que o corpo, na sua carnalidade, é um lugar privilegiado de *visualização da idade* (Bytheway & Johnson, 1998).

Há, efetivamente, normas que enquadram a *figura* do jovem,³ normas essas em grande medida estabelecidas com base em critérios de ordem corporal. Há que reconhecer que, entre os vários atributos que permitem identificar a «juventude» enquanto categoria social, um dos mais visíveis e privilegiados na interação quotidiana é o da sua *condição corporal*, consubstanciada numa multiplicidade de imagens e desempenhos físicos simbolicamente correlacionados e atribuídos a uma dada condição etária. Em última instância, a delimitação das fronteiras que delimitam a «juventude» passa pela leitura social de atributos associados ao processo biológico de crescimento e envelhecimento, os quais vão sendo socialmente codificados por relação a determinadas fases do curso de vida.

Os atributos corporais relacionados com o início da condição juvenil são, por exemplo, os primeiros sinais pubertários, muitas vezes vividos com algum embaraço e estranhamento por parte do adolescente: as borbulhas que surgem na face, a pilosidade que assoma em algumas zonas do corpo, o começo do ciclo menstrual no caso das raparigas, as primeiras ejaculações no caso dos rapazes, etc. A despedida da «idade jovem» vem, por sua vez, fisicamente associada aos primeiros atributos de «maturidade»: os primeiros cabelos brancos ou calvície, rugas, adiposidades, maleitas várias, etc. Para além dessas marcas fenotípicas, existe toda uma *gestalt* conotada com a imagem pública produzida sobre essa idade da vida, ou seja, todo um complexo de imagens (roupas e penteados, por exemplo) e desempenhos corporais (posturas, gestos e atividades físicas) cuja mobilização invoca a aproximação, a vivência ou o distanciamento da condição juvenil por relação à infância ou à adultícia.

A evolução da imagem pública da juventude portuguesa tem sido, efetivamente, marcada por uma progressiva atenção à imagem do corpo, em particular à do corpo desnudo, patente no aumento exponencial de publicidade a objectos, práticas e outros bens

de consumo enquadrados em contextos de moda, desportivos, de música e dança, onde o valor estético, espectacular ou erótico da imagem física da juvenilidade é intensivamente explorado.⁴ Vestido ou desnudo, mas sempre apetecível, a publicidade capitaliza o «corpo jovem» como nunca, enquanto símbolo investido de poder de sedução e de captação do olhar, fazendo-o associar ao perfil do «corpo perfeito, isto é, ao corpo que apresenta as medidas padrão na relação peso-altura, tanto para o feminino, como para o masculino (...) apostada na defesa do corpo físico glorioso e realizado, onde o desejo desemboca no prazer» (Resende, 1999, pp. 9, 15-16).

Um estudo realizado durante os anos 80 sobre a construção da identidade juvenil portuguesa, com base nos discursos normativos instituídos pela publicidade televisiva, foi relevador da intensa exploração mediática de imagens do «corpo jovem» como suporte figurativo de determinadas marcas, produtos e serviços: «a insistência dos conteúdos publicitários implicando jovens centrou-se em torno de alguns aspectos que se revelaram mais pertinentes: resumidamente, a apresentação do corpo surge como uma das representações mais marcantes da imagem juvenil, tanto na sua dimensão activa – através do desporto e da dança – como na sua dimensão simbólica – através das modas e atavios. (...) Aliás, se a imagem do corpo jovem sempre associou elementos simbólicos, nunca como hoje esta componente se tornou tão marcante. O juvenil como representação aparece pois ligado mais do que nunca ao valor simbólico e económico dos objectos e muitas dessas mercadorias associam-se directamente à imagem do corpo» (Schmidt, 1993, pp. 273-274).

A «idade jovem» é, portanto, um tempo socialmente construído, porém codificado no corpo. Uma juventude que dura cada vez mais tempo (Dirn, 1999) e que se tenta que perdure, crença alimentada pelas promessas mercantis da juvenilização dos corpos (Featherstone & Wernick, 1995). Os sonhos de imortalidade e os elixires da juventude sempre existiram, poções míticas cujo móbil principal era a luta pela conservação do corpo enquanto jovem. Mas se outrora esses produtos eram restritos a uma elite de afortunados, hoje em dia esse sonho tende a democratizar-se, existindo um «elixir da juventude» à mão de qualquer prateleira de supermercado. Muitos, cada vez mais, rendem-se aos produtos *light*, aos cosméticos de alisamento e tonificação da pele, às ginásticas e dietas promissoras, ao sonho de uma cirurgia estética. Contaminados por um complexo de Peter

Pan, profundamente enraizado nas sociedades contemporâneas ocidentais, querem dar-se a ver na sua prolongada «juventude» por meio da encarnação de um «corpo jovem». Em última instância, é-se jovem quando se começa a parecê-lo, e transpõe-se a condição juvenil quando se deixa de (conseguir) transparecê-lo.

Produzir e/ou manter na carne esse modelo de corporalidade socialmente idealizado e consagrado é, hoje em dia, uma ambição social largamente partilhada, a qual (sobre)vive da esperança – ilusória, convenhamos – de que, com a atual parafernália de recursos, tecnologias e serviços ao seu dispor, o corpo «se liberta da idade» (Barbero, 1998). De fato, o processo biológico, morfológico e fisiológico de modificação corporal ao longo da vida tem hoje ao seu serviço um conjunto inumerável de produtos criados no sentido do seu controlo e vigilância, e vendidos com base na crença em um corpo perfectível e preservável. Algumas inovações estéticas, cosméticas, tecnológicas, desportivas, nutricionais ou cirúrgicas fazem com que uma determinada imagem idealizada do corpo juvenil possa ser individualmente gerida no sentido da sua produção e do seu prolongamento, através de produtos e estratégias de retardamento da inevitabilidade dos traços que o tempo vai deixando sobre a pele – as rugas, as melenas brancas, a fadiga, os quilos «a mais»...

Nesse contexto, o valor do «corpo jovem» adquire uma importante visibilidade e reconhecimento social enquanto corporalidade de *referência* e de *reverência* na sociedade contemporânea, protótipo glorificado, fetichizado, cobiçado, obstinadamente desejado e mercantilizado no espaço social. «Parecer mais novo do que se é importa agora muito mais do que exibir uma categoria social: a Alta-costura, com a sua grande tradição de refinamento distintivo, com os seus modelos destinados às mulheres adultas e “instaladas”, foi desqualificada por esta nova exigência do individualismo moderno: parecer jovem.» E, nessa óptica, «o culto da juventude e o culto do corpo caminham a par» (Lipovestky, 1989 [1987], p. 166).

O «corpo jovem» corresponde a um imaginário corporal, consubstanciado no desejo de obter uma tensão máxima da pele e uma silhueta conforme aos cânones de perfeição; na obsessão de manter um corpo atlético e ágil, longe da ameaça de doença ou do prenúncio de morte; de construir um corpo sedutor e sensual, sempre desejável e ávido; de explorar um corpo hedonista e irreverente, que deve proporcionar gozo e obter prazer imediato. Sob

a forma de beleza, forma, saúde, vitalidade e sensualidade, esse arquétipo cultural assoma, hoje em dia, como realidade carnal idealizada, normalizada e naturalizada no espaço público, alimentando expectativas e ansiedades de muitos.

Instituída como ideal «genérico» de corpo que se ambiciona para si próprio e se espera dos outros, a imagem do «corpo jovem» vem instalar-se nos «corpos particulares» que por ele se deixam seduzir.⁵ É em função desse modelo de corporalidade que corpos mais ou menos jovens passam a ser alvo de observação e contemplação, vigilância e celebração, objecto de escrutínio e avaliação permanente, quer por parte do seu portador, quer dos que com ele se cruzam habitualmente.

O *mercado* e os mídia que, à escala global, servem esse modelo de produção corporal e dele dependem, que o sustentam e dele se sustentam, converteram-se num espaço simbólico e discursivo altamente disciplinador dos corpos particulares, juvenis e não só. Esbatendo a fronteira entre ficção e realidade, o *star system* contemporâneo promovido pelos mídia e pela publicidade produzem e difundem a ideia de que, se as instruções de um determinado produto ou serviço forem seguidas à risca, é possível atingir o ideal corporal perspectivado. Ao mesmo tempo, a proliferação de imagens corporais que, dentro de uma cultura de consumo, diariamente assaltam os jovens, torna-os mais conscientes da sua aparência externa, confrontando-os com ícones que enformam (e conformam) os ideais de perfeição física, «corpos de sonho» que saem do reino da exceção e invadem a vida quotidiana.

Tal contexto convida a sociologia da juventude a considerar os potenciais efeitos perversos dessa intensa mediatização do ideal de «corpo jovem», nomeadamente na vivência quotidiana do corpo por parte dos próprios jovens. Como sugere Agostinho Ribeiro, «é natural que, ao representar o *seu* corpo (na terceira pessoa), o indivíduo o avalie pelo confronto com modelos (por exemplo, de estética) (...). A imagem do corpo tem de fato um determinado valor para o sujeito, e é com base nesta *cotação* que ele define atitudes e organiza comportamentos no plano social. E a nota que atribui ao corpo conta, com um peso significativo, para a sua auto-estima» (Ribeiro, 2003, p. 50).⁶

Experiências dos corpos juvenis

A tentativa de encarnação dos modelos de corporalidade ideal veiculados mediaticamente pode, efetivamente, produzir efeitos na relação que alguns jovens mantêm com o seu próprio corpo e, conseqüentemente, na respectiva autoestima. Ao explorar largamente imagens corporais juvenis que estabelecem elevados padrões de atratividade e desempenho corporal, a acção dos mídia e do mercado, através das suas indústrias de *design* corporal, poderá potenciar sentimentos de insatisfação e incompetência física na percepção de cada jovem sobre o seu próprio corpo quando tem como referente comparativo os modelos de corporalidade ideal mediaticamente difundidos e socialmente valorizados (Philips & Drumond, 2001).

Esses efeitos podem consubstanciar-se, por exemplo, na intensificação de estratégias de vigilância sobre o corpo, na indução de anamorfozes na percepção individual da imagem social que o corpo projeta, ou na condução de uma gestão corporal «de risco» através da aplicação radicalizada de vários regimes de modificação corporal hoje facilmente acessíveis. É nesse contexto que alguns distúrbios de natureza psicopatológica cuja prevalência e crescimento têm sido associados ao segmento juvenil da população (como a anorexia, a bulimia ou a vigorexia, por exemplo), podem ter a sua gênese.

Relativamente a esse aspecto, é de notar que, em 2000, mais de 1/3 dos jovens portugueses entre os 15 e os 29 anos manifestavam o seu desejo em melhorar a sua forma e aspecto físico. Por outro lado, destaquem-se os 19% que afirmavam sentir com regularidade (*muitas* ou *algumas vezes*) *não gostar do seu corpo tal como é*, revelando uma baixa *auto-estima corporal* (Ferreira, 2003, pp. 275-280). Outro estudo realizado, em 2002, dessa feita com adolescentes em idade escolar, determinou que cerca de 50% dos jovens com 16 anos ou mais gostariam de alterar algo no seu corpo (Matos, 2003, p. 22). Finalmente, uma pesquisa realizada com adolescentes do sexo feminino, em turmas do 9º ao 12º ano frequentando escolas públicas de Lisboa, diagnosticou cerca de 30% destas a avaliarem subjetivamente o seu peso como sendo excessivo, sendo apenas cerca de 5% as que avaliam o seu peso como insuficiente ou extremamente insuficiente, quando cerca de 42% do total das jovens inquiridas apresenta um índice de massa corporal indicador de

magreza. Nas palavras da autora, «esta observação leva-nos a concluir sobre a existência de uma sobrevalorização do peso real, o que prenuncia uma distorção da autoimagem corporal das adolescentes» (Cunha, 2004, p. 137).

Esses números explicam-se, muito genericamente, não só porque sobre os jovens de hoje recai todo um conjunto de constrangimentos, pressões e apelos externos no sentido de concretizar um *dever-ser*, um *dever-parecer* e um *dever-estar* corporal que tem por referência a reverência a um imaginário de «corpo jovem», como já se viu, mas também na medida em que a «adolescência» e/ou a «juventude» são fases do curso de vida marcadas por diversos e intensos estímulos intrínsecos ao próprio corpo, no sentido da alteração da sua configuração e do seu metabolismo. Trata-se de uma época em que, na intimidade, os jovens começam a verificar a inquietude de um corpo que se transforma, tornando-se num foco de atenção e vigilância pessoal sobre alguns processos orgânicos, morfológicos e fisiológicos, em alguns casos de tal forma perturbadores da imagem corporal do jovem que o controlo que atizam pode tomar configurações do foro obsessivo.

Com efeito, o «corpo jovem» tende a consubstanciar-se concretamente em corpos que, no âmbito das transformações imagéticas, funcionais e hormonais a que estão organicamente sujeitos, podem ser vividos e interpretados pelos adolescentes que as sentem sob a impressão de ficar fora do controlo dos próprios. Enquanto organismo vivo e vivido, o corpo dos jovens encontra-se efetivamente sujeito a várias alterações, devidas à emergência da configuração somo-anatômica própria da «puberdade».

Essa categoria tem sido regularmente empregue no sentido de classificar um período da vida marcado por acontecimentos biológicos que assinalam o início na sequência de transformações morfológicas, fisiológicas e bioquímicas sobre o «corpo infantil». Esse perde os contornos que o definiam em função de novas propriedades corporais. O próprio vocábulo *adolescência*, na sua semântica histórica, acaba por enfatizar esse mesmo processo fisiológico: *adolescere*, no latim, quer dizer «crescer», cujo participio presente em *adolescens* significa «aquele que está a crescer» e o participio passado *adultus* significa «parar de crescer». Contudo, como expõe José Manuel Pinto, «se a objectividade da transformação pubertária não levanta qualquer dúvida, o mesmo não acontece com o

percurso transformacional que se opera no espaço mental do adolescente, também ele em transformação» (2002, p. 61).

Ainda que não aderindo aos clássicos discursos sobre o *processo pubertário* que o definem como um fenômeno brusco de viragem biológica, com uma duração e sintomas próprios, não se pode desprezar que, na sua continuidade de fenômenos que convergem numa progressiva transformação do organismo, a fatalidade genética, química e fisiológica das transformações que origina implica um conjunto de alterações corporais, visíveis e invisíveis, que levam os adolescentes a ter que reformular a sua autoimagem, bem como a reformular a imagem que os outros têm de si. Daí que, apesar de suceder numa cronologia relativamente variável, a adolescência, nos seus sinais pubertários, assinale uma fase do curso de vida do indivíduo que implica um momento de (re)construção de si e do mundo, no qual o investimento, a exploração e o autogoverno do corpo humano, na forma de domesticação de muitos desses sinais, adquire uma enorme relevância subjectiva.

Sinalizando publicamente a entrada social na «idade jovem», o sujeito debate-se com uma nova silhueta de si próprio com a qual vai estabelecer novos elementos de identificação e identificação, confronta-se com um «novo» corpo que vem a aceitar ou não, fraccionado ou por inteiro, consoante a autoavaliação, feita dos resultados das alterações fisiológicas e morfológicas por que passa, sempre condicionada pelo contexto social em que se insere. Trata-se de um período que implica, portanto, a integração identitária de uma nova imagem corporal, dotada de determinadas características físicas que podem ser mais ou menos concomitantes com os modelos corporais valorizados no seu mundo de vida, gerando efeitos quer a nível da sua própria autopercepção, quer da percepção de si na rede de interacções sociais em que se movimenta. Durante esse período pode, assim, ser experimentada uma fissura entre o corpo que se desejaria ter e o corpo que se tem (ou se pensa ter quando se olha ao espelho), fissura para a qual a indústria de *design corporal* apresenta cada vez mais possibilidades para quem a pretende colmatar.

Entre as mudanças fisiológicas que caracterizam os sinais pubertários, destacam-se as mais visíveis, porque corporalmente exteriores: o pleno desenvolvimento dos órgãos genitais, a aceleração do crescimento em altura, o desenvolvimento muscular e de repartição de gorduras, a voz assume novas tessituras, as glândulas sudoríferas e sebáceas

são hiperactivadas, intensificando odores e desencadeando erupções cutâneas na forma de acne, etc. Do latim, *pubertas* pertence a uma família de palavras eruditas derivadas de *pubis*, «pelo», que designa o ganho de pilosidade em torno dos órgãos genitais por altura da puberdade. Por outro lado, *pubis* é ainda uma derivação de *pubes*, que significa «buço, penugem». Os pelos da face, sob as formas de «bigode», «pera», «barbicha» ou «suíça», eram, em meados do século XIX, os únicos púbis permitidos ao homem exhibir publicamente, enquanto signos distintivos da ruptura irreversível que, daí para a frente, se estabelece entre ser «criança» e ser «adulto». Dito de outro modo, o buço assinala que o indivíduo se tornava capaz de se reproduzir.

Às preocupações com a autoimagem, acrescem ainda as inquietações com a integração identitária de um corpo sexuado. Desde os textos de sustentação mais científica aos de intenção mais poética sobre a puberdade, o acento foi, de facto, quase sempre colocado nas modificações físicas que afetam o corpo humano tornando-o apto a procriar: a «emergência de uma puberdade que faz irromper um corpo sexuado com desejos novos, muitas vezes sentidos como inconfessáveis. O adolescente depara-se com um corpo sexuado, onde medo e desejo se entrecruzam e perturbam» (Pinto, 2002, p. 57). O seu corpo começa a desabrochar para o desejo, assim como para a necessidade de se fazer desejar, em redes de relacionamento e de sociabilidade amical que se fragmentam e se estendem, estendendo-se também as possibilidades de encontro amoroso, o que implica a aprendizagem de competências e estratégias de sedução em que o corpo surge inevitavelmente implicado.

Todo esse processo, sendo carnalmente experienciado pelos jovens em diferentes contextos sociais e culturais, será suscetível de ser investido de diferentes sentidos simbólicos e, conseqüentemente, de ser socialmente vivenciado de formas distintas, quer pelos próprios jovens, quer pelas instâncias sociais com que lidam quotidianamente. Os discursos técnicos e sociais que (pre)tendem normativizar tais experiências, os valores e crenças que os informam, as práticas que são agenciadas pelas instituições, as estratégias de acomodação, de resistência ou de transformação que os próprios jovens acionam perante os enquadramentos somáticos a que estão quotidianamente sujeitos são, portanto,

objetos desafiantes e, praticamente, intactos para uma sociologia da juventude que se deseje e se proponha *encarnada*.

Corpo, identidade e autonomia juvenil

Uma outra ordem de razões para encarnar a sociologia da juventude diz respeito ao fato de vários estudos sobre jovens terem vindo a sinalizar a importância do corpo no imaginário e na vivência atual desses, nomeadamente nos respectivos processos de construção identitária e de autonomização social. Já nos idos anos 80, constatava-se ser a *imagem do corpo* um dos mais importantes aspectos quer na imagem pública da juventude (Schmidt, 1985 e 1989), quer na vida social dos jovens (Schmidt, 1993). Todos os jovens entrevistados na altura, independentemente do grupo social e do sexo, demonstravam uma grande preocupação com o corpo. Referiam o «aspecto físico» como essencial na definição e distinção de si e do seu grupo, em associação não só aos atributos físicos, propriamente ditos, na sua carnalidade (ser destro, forte e bonito), mas também à roupa (andar na moda), tendo o cuidado de deixar bem vincado a sua preocupação com a «originalidade» e o «estilo».

A importância objetiva e a subjectiva do vestuário, calçado e outros objetos que cobrem os corpos e que compõem os visuais juvenis, vão, de fato, bastante mais além do mero *valor de uso* que lhes é vulgarmente atribuído, ou seja, do estatuto funcional e pragmático que tais objectos também cumprem na superação de necessidades antropológicas tidas como «naturais», como a simples «proteção» do corpo (Baudrillard, 1995 [1972], pp. 9-10). Os visuais construídos pelos jovens são, antes de mais, percebidos e valorizados enquanto meio de expressão social da individualidade de cada um (Ferreira, 2003, p. 341; König, 2008). Pode se dizer, com Giddens, que «o vestuário é muito mais do que um simples meio de proteção corporal: é, manifestamente, uma forma de demonstração simbólica, uma maneira de dar forma exterior a narrativas de autoidentidade» (1997 [1991], p. 57).

Em 1987, num inquérito nacional realizado à juventude portuguesa, a esmagadora maioria dos jovens inquiridos concordava que os «jovens de hoje», em comparação com as

mais velhas gerações, atribuem maior importância ao *corpo*, às *atividades físicas* e à *vida sexual*, constatando ainda terem gostos muito diferentes em matéria de *vestuário* (Conde, 1989). Praticamente, uma década mais tarde, replicaram-se esses mesmos indicadores num inquérito, dessa vez, representativo da população portuguesa residente no Continente, tendo-se denotado uma concordância generalizada e consensual em torno da assunção de que as novas gerações se distinguem das anteriores pela sua maior valorização do corpo, do vestuário e das atividades físicas (Ferreira, 1998, pp. 170-171).

O corpo surge, assim, integrado no núcleo duro dos referentes que funcionam como polos de estruturação das fronteiras simbólicas que produzem os jovens de hoje como *condição social* e, simultaneamente, os distinguem como *geração social*.⁷ O que os jovens vestem, o que calçam, o que colocam para adornar, para cheirar, para disfarçar são recursos que fazem da sua carne uma realidade significativa, que asseguram «a passagem do sensível para o sentido» (Barthes, 1999 [1967], p. 286), adquirindo significados que expressam importantes diferenciações sociais. No fundo, são dimensões referenciais que adquirem uma larga visibilidade e unanimidade social enquanto signos identitários da atual «juventude», extrapolando critérios assentes na mera proximidade etária.

Aliás, destacar o atual caráter referencial e reverencial do «corpo jovem» implica salientar a permeabilidade das mais velhas gerações ao valor cardinal dessa corporalidade no seu quadro de referências, por ele seduzido e influenciado nas apreciações que fazem do que é ou não, hoje, ser «bonito», «sensual», «desejável», «saudável», «dinâmico», etc. Uma certa transversalidade intergeracional na importância concedida ao valor social do corpo, pelo menos ao nível discursivo, é efectivamente constatável em muitos meios sociais: «operou-se uma inversão maior nos modelos de comportamento», diz Lipovetsky, justificando tal afirmação com as palavras de Yves Saint-Laurent: «outrora, uma rapariga queria parecer-se com a mãe. Actualmente, é o contrário que se verifica» (1989 [1987], p. 163).

Nessa perspectiva, a «juventude» demonstra ser uma fase do curso de vida em que o corpo, no que nele acontece, o que com ele se faz e dele se pode e deseja fazer, toma um lugar central, investido de um valor de experimentação e exploração pessoal, bem como de expressão e reconhecimento social. No processo de (re)construção de si que implica essa

fase de vida, é através do corpo que os jovens se experienciam e experimentam o mundo enquanto pessoas autônomas, representam-se e apresentam-se ao mundo social enquanto indivíduos singulares, sendo também a partir dos signos que o respectivo corpo emite que o mundo social se apropria e categoriza os sujeitos enquanto «jovens».

No entanto, o valor do «corpo jovem» e do corpo próprio entre os jovens não se revela equitativamente distribuído no espaço social. Na sequência dos inquéritos anteriores, os resultados do inquérito nacional à juventude portuguesa, aplicado no ano 2000, onde houve a oportunidade de desenvolver um módulo específico dedicado às atitudes perante o corpo, não só reafirmou-se a centralidade do corpo nos processos juvenis de construção identitária, como também foram localizados e caracterizados socialmente contextos juvenis mais somatizados do que outros. Embora alguns autores, na linha de Giddens, venham falar de uma ampla reflexividade corporal no mundo contemporâneo, o fato é que a atitude de valorização e autorresponsabilização pelo *design* e *performance* do corpo se observa tanto mais partilhada pelos jovens quanto mais *pós-tradicionalistas* se configuram os contextos sociais onde eles se movem.

De fato, os jovens posicionados na base da hierarquia social, apenas dotados dos recursos escolares elementares, residentes em *habitat* rural e em situações sociais mais vulneráveis e precárias, como a domesticidade e o desemprego, revelam uma atitude de maior alheamento e resignação perante a sua condição corporal: registam maiores dificuldades em avaliar o estado atual da sua condição física e maior indiferença perante a hipótese de melhorar a sua forma e aspecto físico; manifestam ainda um maior despojamento e conservadorismo perante as várias possibilidades de intervenção direta ou indireta no corpo, investindo substancialmente menos em estratégias de vigilância, controlo, modificação e estilização corporal. São também os que menos informação procuram nos *media* acerca de cuidados a ter com o corpo. Em suma, entre os jovens com esse perfil social predominam os que menos reflexividade demonstram relativamente à sua circunstância física, abandonando o corpo à sua condição de *dado natural*.

Irá ser, por sua vez, junto dos segmentos juvenis mais escolarizados e de estatuto social mais elevado, residentes em meio urbano, com particular (mas não exclusiva) incidência no universo feminino, que se encontraram os jovens mais interessados nas

tematizações mediáticas do corpo; mais insatisfeitos e exigentes com a sua condição física; mais sensíveis e conscientes dos riscos implicados em determinadas mobilizações corporais; mais diligentes e aplicados nos cuidados de higiene diária; mais vigilantes e restritivos na alimentação que fazem; mais dedicados a regimes desportivos sob a égide da manutenção ou melhoria da forma e aspecto físicos; mais permissivos na aceitação de determinadas modificações corporais inovadoras ou extravagantes e mais audazes na sua concretização; mais ecléticos e pormenorizados nos recursos convocados na composição dos seus visuais. Não será por acaso que, nesses mesmos segmentos sociais mais favorecidos, a percepção do *visual como forma de exprimir a individualidade*, ainda que dominante, mais se acentua (Ferreira, 2003, pp. 363-366).

Outros estudos vêm ainda encontrar o corpo como suporte mobilizado na afirmação e no «empoderamento» social por parte dos jovens. A entrada na «idade jovem» marca o início de uma condição de transição em que esses tentam conquistar uma autonomia acrescida na escolha das suas próprias referências. É uma fase caracterizada por tentativas de *experiência autonômica* ou socialmente *emancipatória* que, frequentemente, passam por investimentos no corpo sob a forma de imagem, movimento ou sensação. Conscientes do seu elevado valor expressivo e performativo, e aproveitando a sua disponibilidade universal e os recursos que lhe são atualmente destinados, os jovens encontram no corpo um lugar de desenvolvimento de experiências e projetos corporais quer sob o signo da conformação, quer da contestação aos modelos e instituições de produção corporal dominantes.

A reivindicação de autodeterminação nas formas de se apresentar publicamente -- como, por exemplo, de escolher o que vestir e como vestir (König, 2008) ou de colocar um ou mais *piercings* ou tatuagens (Ferreira, 2008), -- bem como de se engajar em condutas socialmente consideradas «de risco» para a saúde, como fumar, beber, usar drogas (Flanagan, Stout, Gallay, 2008) ou restringir a ingestão de alimentos (Bouça, 2000; Carmo, 1994, 1999), são comportamentos que, entre os jovens, vêm muitas vezes no sentido de desafiar ordens e poderes corporais estabelecidos (os pais, a escola, etc.).

A concretização desses comportamentos é frequentemente percebida como o exercício de um direito individual sob um bem que os jovens entendem ser sua propriedade privada -- o corpo --, bem esse suscetível de ser capitalizado na luta que quotidianamente

empreendem pela conquista do seu espaço de subjetividade e lugar no mundo, pelo controle sobre si e das suas vidas. Propriedade de primeira ordem para muitos jovens despossuídos de outros recursos e capitais a potenciar e a agenciar socialmente, o corpo é, durante essa fase do curso de vida, investido de regimes que vêm frequentemente no sentido da definição e da inserção social do jovem, da sua construção individual e reconhecimento social enquanto pessoa (relativamente) autônoma nas suas tomadas de decisão.

O corpo como operador expressivo de uma ética juvenil de celebração

Por fim, outra das razões invocadas para eleger o corpo entre os objetos da sociologia da juventude, prende-se ao fato de esse recurso desempenhar um papel central enquanto operador social na vivência de uma ética de celebração entre os jovens de hoje. Algumas práticas *do* corpo e *no* corpo encontram-se na base da estruturação de muitos dos núcleos de sociabilidade juvenis que se desenvolvem atualmente: atividades físicas e/ou desportivas, os desportos radicais, o *parkour*, a *street dance* ou a *break dance*, o *clubbing* e outras formas de apropriação e vivência social da *dance music* (como as festas), a tatuagem e o *body piercing*, os gostos alimentares, entre muitas outras, são práticas que potenciam a criação de *biosociabilidades*, ou seja, de cumplicidades sociais que têm o corpo como epicentro (Ferreira, 2009; Ortega, 2004).

Trata-se de formas sociabilísticas, constituídas e reconhecidas não por vínculos ideológicos de ordem política, religiosa, idiomática, territorial ou de classe, mas estruturadas, sobretudo, na base de afinidades eletivas e afetivas de ordem estética, cenográfica e performativa socialmente compartilhadas, em que os investimentos em termos de imagem, movimento ou sensação corporal ocupam um lugar central enquanto recurso expressivo de identidades e estilos de vida.

Longe da lógica holista de *contestação* coletiva, característica de alguns movimentos juvenis do passado, as culturas juvenis contemporâneas assumem formas mais mundanas, com ambições mais rasantes e intenções mais pessoalizadas. Partilham, sobretudo, a *celebração* convivialista e somatizada de valores sensíveis, como o hedonismo, o

presentismo ou o experimentalismo, quotidianamente operacionalizados e concretizados através do corpo: o *experimentalismo* enquanto tentativa constante de desafiar o limite possível, mesmo que tal implique riscos, muitas vezes de vida; o *hedonismo* como princípio do prazer, do gozo e da satisfação em torno do lúdico e do lazer; o *presentismo* como forma imediata e desfuturizada de viver intensivamente o momento presente.⁸

Em contraponto às formas passivas de «matar o tempo» ou às formas combativas de viver a vida, essa ética da celebração evidencia uma constante procura do lado festivo da vida, enquanto demonstração de vitalidade e de energia criativa (Caillois, 1988 [1961]). Perante o excesso de possibilidades e opções, incertezas e aleatoriedades, pressões e prescrições, solicitações e exigências, sonhos ou expectativas sociais a que os jovens estão atualmente sujeitos na sua vida quotidiana, muitas vezes objetivamente pouco concretizáveis, muitos jovens respondem com excessividade nos seus investimentos mais imediatos e acessíveis, nos consumos e nas aparências, nas experiências e nos prazeres, na intensidade e velocidade com que se entregam à vida, muitas vezes com consciência dos riscos que correm, numa espécie de dever continuado e hiperativo de celebração.⁹

É nessa óptica que o espaço liso e disponível do corpo humano vem tomar um valor fundamental como *operador expressivo*, um corpo que é socialmente percebido, mobilizado e vivido como um recurso a explorar nas suas várias potencialidades *plásticas, cinéticas e sensoriais*, susceptível de ser moldado, experimentado, excitado, intensificado através de práticas e consumos vários -- música, dança, desporto, sexo, drogas, bebidas alcoólicas, etc. Essas são atividades que operam como «ingredientes» relevantes na «arte de bem viver» desses jovens, e que lhes permitem um mundo de sensações e experiências intensas na sua relação com o mundo. São investimentos libertadores de potencialidades e capacidades internas do corpo, intensificadores de energias vitais que se espelham na superfície, fazendo reverberar no interior do corpo individual forças provenientes do corpo social, estímulos que o atravessam através da excitação dos sentidos (visuais, sonoros, epidérmicos, olfativos ou gustativos).

São, muitas vezes, usos corporais que traduzem um *excesso de presença* no espaço público, que colocam o corpo em evidência social na sua imagem, gesto ou emoção, expressos pela ostentação de visuais espectaculares, de movimentos arriscados ou de

consumos considerados transgressivos. A excessividade é-lhes socialmente reconhecida considerando as convenções que, na cultura somática atual, regulam as possibilidades de mobilização e apropriação do corpo. São *performances* que se regem por um princípio de transgressão, por oposição à ideologia da «juventude» como categoria de risco sanitário, muitas vezes veiculada em discursos de técnicos, sujeitos e instituições a operar na área dos «problemas juvenis» (saúde sexual e reprodutiva, doenças sexualmente transmitidas, gravidez adolescente, toxicodependência, acidentes de viação, tabaco e álcool, depressão, suicídio, perturbações alimentares, violência, etc.).¹⁰

Enfatizando mais o *processo* que o *produto*, são usos do corpo que podem tomar a forma de *experiências de transcendência*, pressupondo por parte de quem as empreende uma intenção de se exceder de si próprio, manifesta na constante procura de definição e superação dos seus limites últimos. Trata-se de uma busca realizada em nome do próprio, enquanto sujeito com capacidade de se colocar a si mesmo os seus limites mais extremos. São práticas que encerram, portanto, um sentido de *prova*, correspondendo ao exercício de um poder performativo que permite a quem as pratica testar e demonstrar capacidades, habilidades e particularidades com uma expressão simbólica de poder e distintividade. Isto no sentido em que funcionam como manifestações, para si e para os outros, de que se é capaz, corajoso, forte, habilidoso, e não mero agente passivo, alienado e reflexo mimético de outros, sujeito às expectativas e pressões sociais desses.

A excessividade que caracteriza tais práticas *do* corpo e *no* corpo poderá compensar, assim, uma espécie de *sentimento de inexistência* particular aos estatutos de pessoa e cidadão dos jovens, propiciando-lhes a ruptura com uma autopercepção enquanto «mais um entre muitos», com uma existência igual a tantas outras, deixado à mercê dos caminhos previamente traçados e das expectativas sobre si depositadas pelas instituições que, tradicionalmente, enquadram as vivências juvenis. São práticas que poderão, por isso, expressar um desejo de existência por parte de quem as agencia, uma ambição de protagonismo e de emancipação, enquanto potenciadoras de um sentimento de estar ativamente no mundo e de ser «alguém» no mundo.¹¹

Conhecer as configurações e ancoragens sociais das várias expressões corporais dos jovens de hoje, nas formas sociabilísticas de que se revestem, nas lógicas simbólicas que

nelas são investidas e nos efeitos sociais que produzem, é uma tarefa inovadora e relevante para sociologia da juventude atual, na medida em que remetem e dão a conhecer processos e dinâmicas sociais recentes que emergiram e se desenvolvem na sociedade contemporânea: a sua fragmentação social e pluralização cultural, a consolidação dos valores individualistas, a emergência de novos estilos de vida, a remoralização da vida quotidiana, a transfiguração da vida política e dos contextos de cidadania, etc.

Rumo à encarnação da sociologia da juventude

Como abordar sociologicamente esse objeto, importa agora perguntar. Quando o corpo foi tomado como objeto de estudo sociológico, e no intuito de ultrapassar a sua percepção enquanto organismo humano considerado isoladamente, na sua materialidade, a sua *carnalidade* acabou por esvanecer-se a favor de uma ideia de *corporalidade*, ou seja, enquanto realidade simbólica e socialmente construída, gerida e reproduzida num sistema de relações sociais (Berthelot, 1982, p. 64; 1983, p. 128).

Nas suas múltiplas variantes analíticas, os paradigmas que começaram por abordar o corpo nessa perspectiva tiveram a valência de proceder ao imprescindível *processo de desnaturalização* do corpo humano – quer na suposta neutralidade, universalidade e objetividade que o saber biomédico lhe concedia enquanto organismo humano; quer na aparente naturalidade, unidade, transparência e evidência transmitida pela incorporação quotidiana. Ao colocarem o corpo na cultura e na história, bem como numa estrutura de relações horizontais e de poder, expuseram o «natural» e o «orgânico» como construções simbólicas de forças sociais, sujeitas a processos de dominação e de resistência.

Todavia, no mesmo movimento analítico em que essas forças afirmam o enraizamento sócio-histórico do corpo, este desaparece como *carne*, como matéria *viva, vivida e em devir*. Lá, o corpo pouco mais é do que um símbolo quase natural, sobre o qual se inscreve um conjunto de ritualidades, convenções e códigos culturais. Na «evanescente facticidade» que o caracteriza enquanto representação simbólica (Berthelot, 1987), o corpo tende a perder a *substancialidade* que lhe é própria, em detrimento de uma *significidade* difusa. O referente, ele próprio, deixa de ser o objeto de conhecimento, para passar a ser a

significação (semântica) e a eficácia (pragmática) dos enunciados que, através e a propósito dele, são emitidos. É assumido, do ponto de vista epistemológico, como *operador social e discursivo*, sendo analisado enquanto manifestação e efeito de regimes simbólicos socialmente determinados (Berthelot, 1992, pp. 16-18).

A *carnalidade* do corpo e as respectivas implicações sociais que dela advêm tendem, conseqüentemente, a desaparecer como objeto empírico, permanecendo obscurecidas no excesso teoricista e discursivo que pretendem legitimá-las enquanto construção simbólica. Entre a muita produção teórica ocorrida sobre a corporalidade, desde os anos 70, pouca investigação sobre as vivências sociais das experiências corporais foi levada a cabo. No lamento da ausência do corpo na sociologia e no concomitante entusiasmo em torno da necessidade da sua abordagem sociológica, os sociólogos apostavam, sobretudo, num esforço de demarcação e autonomização dessa área disciplinar, mais preocupados com os limites teóricos, epistemológicos e metodológicos desta do que com investigação empírica concreta.

Naturalismos e construtivismos acabaram por pecar, assim, por excessos simétricos: onde o primeiro hipostasiava a ordem biológica, o segundo, paradoxalmente, fez desaparecer o somático em nome do simbólico. A pouca atenção prestada às vozes, às imagens, aos gestos, às sensações e às emoções, que emanam dos corpos sobre si e entre si, terminou num silêncio sobre as práticas corporais efetivas, sobre a forma como são vividas as experiências e dinâmicas corporais, assim como os universos sociais nos quais se engendram e ordenam as diversas corporalidades em circulação no mundo social. A carnalidade que as vivifica no quotidiano desaparece por entre processos abstractos de regulação e categorização social, fazendo-se *tábua rasa* das qualidades morfológicas, estruturas somáticas e capacidades sensoriais. Marginalizado na sua dimensão viva, vivida e em devir, o corpo surgia como entidade inefável, alegórica, *elusiva* (Radley, 1995, p. 4).

Ainda que elusiva, não será decerto ilusória. Os sentidos até podem iludir no que dão a ver do mundo, mas não são ilusões em si, embora sempre informado por um princípio de socialidade e cultura, o corpo é também *carnal* na fisicalidade das imagens que dá a ver, dos movimentos que possibilita fazer, das sensações e emoções que permite sentir, das funções e necessidades que exige cumprir. Sendo uma construção sócio-simbólica situada

no tempo e no espaço, não deixa de ser igualmente uma *estrutura material*, carnalidade dotada de fronteiras morfológicas, propriedades materiais e órgãos com funções fisiológicas identificáveis, caracterizada por impulsos vitais e capacidades sensoriais mensuráveis e otimizáveis, sujeita a mecanismos e necessidades homeostáticas de ordem biológica, química e física, que exigem manutenção e reparação perante a doença, o abuso, o acidente ou a deterioração que decorre do seu tempo de vida.

É um corpo que existe enquanto *substância*, dotado de uma *exterioridade*, superfície com as suas formas, os seus orifícios, as suas características fenotípicas (pilosidade, estrutura, cor da pele, do cabelo, dos olhos, etc.), os seus gestos e movimentos cinestésicos, bem como de uma *interioridade*, realidade com os seus órgãos, as suas secreções (dejectos, saliva, suor, sémen...), as suas produções orgânicas (sangue, leite, placenta...), as suas necessidades metabólicas e homeostáticas (alimentação, sono, micção, defecção...). Esse corpo material é uma estrutura processual e não estática, volátil e não fixa, uma realidade inescapável à erosão do tempo, componente particularmente perturbadora para os sujeitos modernos.

Em contraste com as propostas em que essa dimensão carnal é marginalizada, é então importante entender que o corpo constitui efetivamente uma base concreta e material que enforma a construção dessas relações e que está na base da agência de qualquer prática social. Nos termos de Jung, «existência humana não é uma ideia na medida em que o corpo é uma realidade concreta» (1996:4). Trata-se de uma realidade que não se confina a ser *incorporada*, não correspondendo apenas ao suporte material de inscrição de um sistema de signos ou ao produto de efeitos sociais, mas uma estrutura viva, vivida e, em devir, *encarnada*.

Enquanto unidade constitutiva da existência humana, é a partir do corpo que se opera, simultaneamente, a «nossa» *encarnação no mundo* e a *incorporação do mundo* em «nós». Os indivíduos precisam adquirir ou *incorporar* as estruturas ou os esquemas sociais da sociedade que os integra (como a linguagem, por exemplo), para que se tornem nos agentes que são. Mas essas estruturas e esquemas apenas existem na medida em que são *encarnados* nas ações dos próprios e nas de outros agentes que lhes preexistem (por meio

da fala, por exemplo), sendo a respectiva encarnação o que dá vida àquelas mesmas estruturas e o que facilita a sua reprodução.

Se as ciências sociais, designadamente a antropologia, começaram por localizar o corpo como *interface*, privilegiado entre natureza e cultura, bem como entre indivíduo e sociedade, acabam por ir, substancialmente, mais longe quando assumem a premissa da *mediação somática* de toda a reflexão e ação sobre o mundo (Lock, 1993). Enquanto estrutura orgânica, motora e sensorial com propriedades, capacidades e limitações que lhe são específicas, a *carnalidade* entranha a *corporalidade*. Enquanto carne, o corpo é um espaço de constrangimentos crucial, quer na configuração de sentido simbólico que lhe é socialmente atribuída, em virtude das características que são particulares a cada corpo (sexo, idade, cor da pele, peso, silhueta, estado de saúde, etc.)¹², quer enquanto estrutura formal e condição necessária no desenrolar de qualquer ação social, dotada de um conjunto de poderes, potencialidades e capacidades socialmente mobilizáveis, capitalizáveis e geridas.

Nessa perspectiva, pode-se questionar com Marzano-Parisoli o papel jogado pela *encarnação* na vida social: «entre as condições que fazem com que eu seja a pessoa que eu sou, encontra-se o fato de eu ser constituída por esse corpo e não outro», responde a autora (2002, p. 4). Cada pessoa existe no mundo enquanto ser carnal entre outros seres carnis, na sua espacialidade, volumetria e materialidade. Por outro lado, é da encarnação que emergem e se manifestam os desejos, sensações e emoções: «não há desejo ou emoção num espírito desencarnado, porque desejos e emoções requerem a expressividade do corpo e a existência de nós mesmos como criaturas carnis» (Marzano-Parisoli, 2002, p. 8).

Etimologicamente, a encarnação concerne ao movimento de «entrar na carne», integrando a ideia de que existe uma conexão, uma «retroalimentação entre o espiritual (cultural ou simbólico) e o carnal (corporal ou material)» (Selgas, 1994, p. 63) nos processos sociais. Enquanto a utilização do conceito de *incorporação* tende a apenas aludir metaforicamente ao corpo, o conceito de *encarnação* permite colocar em perspectiva a relação implicada do corpo com os processos de construção de identidades e sociabilidades: ao mesmo tempo que o corpo físico é constrangido na sua percepção e tratamento pelo

corpo social, a configuração do corpo também condicionando o modo como a subjectividade é construída e a experiência social é construída.

Assumindo o corpo como estrutura dinâmica em interação com o meio físico e o social, estrutura que alimenta processos cognitivos, emotivos e volitivos ao mesmo tempo que serve de base da estruturação da vida social, por meio da qual se realizam as ações e se reproduzem as estruturas, o conceito de *encarnação* efectua um movimento conceitual que facilita a superação entre agência e estrutura: «ressaltar o carácter “encarnado” da nossa identidade e da nossa experiência, e centrar a atenção na constituição dos agentes sociais, conduz-nos a ver as duplas naturezas que habitam o nosso corpo: é carne e osso, mas também entidade social; é símbolo primeiro do *self*, mas também da comunidade; é algo que temos e algo que somos, que nos tem; é individual e único, mas também é comum a toda a humanidade; é, ao mesmo tempo, objeto e sujeito. Com ela [a encarnação] também se reforça a necessidade de admitir que o nosso vínculo cognitivo mais directo com o exterior, com o mundo, é em si mesmo uma construção social, isto é, que a nossa estruturação sensorial e experiencial varia sociohistoricamente e ela afecta necessariamente todo o nosso conhecimento, incluindo o que criamos como sociólogos ou sociólogas do corpo» (Selgas, 1994, p. 45).

Essa posição sugere a necessidade e a possibilidade de prosseguir o trabalho sociológico sobre a corporalidade para além dos tradicionais paradigmas naturalista, semiológico e construtivista, analiticamente exaustos e limitados (Shilling, 1997, p. 66, 2001, p. 328), enveredando por uma terceira via que evita quer a dissolução do corpo material em construtivismos extremos, quer o retorno ao essencialismo e naturalismo biológico. Não sendo o corpo apenas uma fundação natural, tão pouco uma mera superfície passiva sobre a qual os sentidos são determinados por sistemas de significação, mas uma instância marcada por uma irreduzibilidade inescapável entre sujeito e objecto, há que encontrar uma possibilidade de analisar o corpo na *interface* entre o material e o simbólico, entre a experiência e a representação (Budgeon, 2003, p. 36).

Essa via, alguns sociólogos encontram-na por meio da exploração de um modo de conhecimento que recupera o corpo para o centro da socialidade e da identidade enquanto estrutura material, viva, vivida e em devir, nas suas dimensões imagética, cinética e

sensorial.¹³ Deixando para trás anteriores concepções naturalistas do corpo como mera superfície legível de inscrição biológica, social ou discursiva (conforme os determinismos), a análise direcciona-se no sentido da recuperação fenomenológica e quotidiana das experiências vividas por um corpo que existe de fato, nas suas propriedades, potencialidades e limitações, concretas e concretizáveis em determinadas práticas e usos do mesmo, referenciáveis não apenas a modos de *acção sobre o corpo* (atos *no* corpo), mas também a modos de *ação do corpo* (atos *do* corpo), simbolicamente enquadrados por representações, valores, ideais, tabus, expectativas normativas ou transgressivas, todo um quadro simbólico socialmente produzido e contextualizado.

Em termos metodológicos, a recuperação fenomenológica da experiência corporal subjectiva e intersubjectivamente vivida passa pela descrição (escrita) e/ou apreensão (visual) etnográfica dos padrões e horizontes de uma dada zona da realidade com que os corpos lidam, tal como as pessoas os percebem, os entendem e os vivenciam através das suas competências perceptivas e capacidades práticas. Ainda que, nesta óptica, o domínio da análise fenomenológica remeta para o corpo individual, um corpo vivido «na primeira pessoa», tal não implica, inevitavelmente, descurar a densidade simbólica que envolve a experiência encarnada do mundo e a matriz social que a delimita, quer no contexto da sua origem, quer nos contextos da sua recepção social, quer ainda nos efeitos sociais decorrentes do (des)encontro semiótico e social dessas duas gramáticas a nível da interacção social.

Nessa óptica, de um ponto de vista empírico, tal orientação consubstancia-se no resgate dos jogos sociais implicados na manifestação, produção, gestão e efeitos sociais e culturais de determinadas práticas concretamente encarnadas em imagens e aparências, movimentos e gestos, emoções e desejos. Isso com o objetivo básico e comum de capturar e examinar as formas como as pessoas, em mundos sociais específicos, experimentam, vivem, codificam e investem (construindo ou destruindo) a sua própria carnalidade e a carnalidade do outro, no sentido de contextualizar a pluralidade de vivências sociais do corpo.

É efetivamente o corpo que demarca o lugar material e social do sujeito no mundo, enquanto *suporte material* de inserção social e de agência de todas as práticas sociais

(mesmo que não físicas). Ora, se toda a prática social implica a mobilização do corpo, a configuração que essa assume acaba por participar da *produção social* do próprio corpo (por meio de disciplinas e técnicas socialmente disponíveis e instantâneas no seu uso prático) e, simultaneamente, na construção da relação social. Daí que, em última instância, uma «sociologia da prática [seja], sem qualquer dúvida, e antes de mais, uma sociologia do corpo; do mesmo modo que não existe ritual que não tenha o corpo como seu suporte» (Lopes, 2004, p. 122).

Essa proposta passa ainda pela assunção da natureza encarnada do próprio investigador e da implicação do corpo e dos sentidos desse enquanto «primeiro instrumento de pesquisa» (Wacquant, 2003^a, p. 171; Herzfeld, 2009). O corpo do investigador, que tende a se fazer passar por ausente na pesquisa empírica, deve ser etnograficamente considerado e explorado ao entrosar-se no terreno das práticas eleitas como objecto de estudo. Tal acontece, sobretudo, quando está em causa a descoberta de lógicas, saberes e desejos «viscerais», ancorados no organismo profundo e, por isso mesmo, esquecidos nos trabalhos que consagram o terreno de estudo sobre a corporalidade. São dimensões carnis «opacas ao pensamento pensante», muitas vezes pré-reflexivas e/ou difíceis de fazer passar ou de concretizar em linguagem¹⁴, implicando que o investigador se dote «dos meios de procurar o corpo não apenas como “construto social”, produto da sociedade e da cultura, mas também como construtor social, como matriz geral de conhecimento e de acção no mundo» (Wacquant, 2003b, p. 20).

Considerações finais

Nessa perspectiva, a sociologia do corpo, ainda de estatuto fluído e controverso, de conceitos indecisos e metodologia tateante, pode atingir um privilegiado interesse *heurístico*: participar numa sociologia que parta não apenas do seu campo de análise habitual (instituições, classes, grupos, etc.), mas, paralelamente, de formas e manifestações sociais mais anódinas, permitindo devolver dimensões sociais aos fenômenos sociais que, noutras aproximações, seriam difíceis de captar, e por aí dar conta de alguns novos problemas sociológicos.

Por outro lado, enquanto polo de análise conceptual, a corporalidade emerge como um lugar privilegiado de reflexão e eventual resolução teórica de dualismos recorrentes na tradição moderna das ciências sociais: natureza/cultura, material/simbólico, indivíduo/sociedade, corpo/mente, ação/estrutura, resistência/poder, razão/emoção, etc. Desse modo, ao seu estatuto de *operador social* nas formas que assume e nas ações para que é convocado, junta-se o de *operador epistemológico*: não apenas um objeto a conhecer, mas um meio de conhecimento, pela possibilidade que confere em, por meio dele, (re)conhecer as formas de poder que o social imprime na natureza, bem como o modo como os seus próprios recursos, capacidades e atributos são socializados e/ou explorados socialmente.

Na intersecção da relação e da *praxis*, da linguagem e do símbolo, da instituição e da contestação, da percepção e da ação, da sensação e da emoção sobre o mundo, o corpo acaba por assumir, em termos sociológicos, não apenas o estatuto epistemológico de *objecto de poder*, mas também de *locus de ação*. Daí a necessidade de, não só trazer a carnalidade à sociologia, como repensá-la de uma forma ativa, entendendo o corpo concreto não apenas como *produto* mas também como *agente social*, como ator e *enjeu* (Berthelot, 1987, p. 7), como *operador social activo* (Crossley, 1996, p. 99), partindo do exame das bases necessariamente encarnadas dos constituintes praxiológicos da ação social.

Por último, trata-se de uma aproximação sociológica que permite chegar aos universos juvenis para além das suas tradicionais entradas, muitas vezes mais construídas pelo investigador do que realmente vividas pelos jovens. Para além de inovadora, tem a mais-valia de restituir uma dimensão que os jovens tanto valorizam e mobilizam na sua vivência quotidiana: o seu lugar corporal. Um lugar onde podemos encontrá-los também enquanto *sujeitos do social* e não apenas *sujeitos ao social*. Afinal, se é no corpo que muitos jovens, mais intensamente, experimentam e vivem o controlo social e os mecanismos disciplinares, é também nele que muitos encontram o lugar performativo de expressão e desempenho do ideário de liberdade, autenticidade e autonomia individual constitutivo das subjectividades da modernidade mais recente.

NOTAS

1. É, aliás, a categoria «adolescência» que está no princípio dos estudos sobre jovens, no início de século XX, a partir da psicologia americana (Hall, 1905). Ganha o monopólio até meados desse século, altura em que os termos «juventude» e «jovem» ganham visibilidade social e força política, sobretudo enquanto «problema social», começando a serem objeto de apropriação analítica por parte da sociologia. Para uma arqueologia sobre a construção social e conceptual da categoria «adolescência», ver Braconnier & Marcelli, 2000; Huerre, Pagan-Reymond & Reymond, 2000 (1997); Lesko, 1996. Para uma arqueologia sobre a construção social e conceitual da categoria «juventude», ver Alpizar & Bernal, 2003; Criado, 1998; Feixa; 1993; Groppo, 2000; Levi & Schmidtt, 1996. Para uma discussão em torno dos termos «adolescência», «pós-adolescência», «juventude» e «jovem adulto», ver Bynner, 2005; Cicchelli-Pugeault, Cicchelli & Merico, 2002; Galland, 1990, 1997, 2001; Léon, 2004.

2. O conceito de «corporalidade» é entendido como o conjunto de traços concretos do corpo que o definem como ser social: «diremos que uma dada sociedade define simultaneamente um certo *espaço de corporalidade* (ou seja, um número de possíveis corporais, formado por regras de conveniência na apresentação e na gestão do corpo) e uma certa *corporalidade modal* (ou seja, um conjunto determinado de traços valorizados)» (Berthelot, 1983, p. 128), consubstanciada em figuras próprias a determinadas épocas, modeladas pelos contextos sociais e culturais em que emergem (Berthelot, 1998). Essa corporalidade modal está, na sociedade contemporânea ocidental, associada à figura do «corpo jovem».

3. Nos termos em que Jünger (2000) define o conceito de «figura», enquanto «um todo que engloba mais do que a soma das suas partes».

4. Sobre o culto do «corpo jovem» na publicidade, ver Castro, 2003; Giroux, 1998; Schmidt, 1985, 1989; Veríssimo, 2005. Dados a amplitude social e o poder simbólico que

caracterizam atualmente o discurso publicitário, este acaba por constituir o discurso hegemônico e doutrinário sobre a corporalidade contemporânea, ultrapassando largamente o poder simbólico de outros discursos tradicionalmente enunciadores, produtores e reprodutores de modelos de corporalidade, nomeadamente de “corpos de sonho”, como o foram a literatura, na sua prosa ou poesia. Ver Resende, 1999, pp. 10-13.

5. Da Matta (1986) refere-se a «corpos genéricos» por referência a estados universais ou condutas generalizantes dentro de um sistema, e a «corpos particulares» quando a relação entre um estado, situação ou contexto social e o corpo é mais intensa, dando margem a discernimentos imediatos e conseqüentemente a uma equação direta entre o corpo (e suas posturas e gestos, relações e atitudes) e certas situações sociais. Diferencia, por exemplo, o corpo na casa e na rua, ou o corpo festivo e de trabalho.

6. A «imagem corporal», enquanto dimensão fundamental da identidade pessoal, condensa «o conjunto de representações, sentimentos e atitudes que o indivíduo elaborou acerca do seu corpo ao longo da existência», através de experiências não apenas sensoriais e cognitivas, mas também afetivas e sociais (Bruchon-Schweitzer, 1990, pp. 173-174). A imagem do corpo não só é questionada, desafiada e avaliada quando se observa refletida no espelho – *intracorporalidade* –, mas também se constrói em constante relação com os outros – *intercorporalidade* –, onde o corpo é colocado constantemente à prova através de jogos de comparação, de atração e de reconhecimento.

7. Por contraposição à noção de «geração demográfica», meramente definida por critérios etários, a «geração social» é «determinada mediante uma autorreferência a outras gerações (das quais se vê distinta)» (Nunes, 1987 [1972], p. 87).

8. Numa sociedade caracterizada pela velocidade na mudança em termos de conhecimentos, competências práticas, recursos que perdem o seu sentido, onde o futuro é incerto e imprevisível, o *presente* ganha ascendência sobre os tempos que lhe são adjacentes (o passado e o futuro) e torna-se no tempo social mais significativo para os jovens, como se perdessem o seu sentido de continuidade histórica (Pais, 1998, pp. 45-46).

9. A excessividade será uma das principais características do indivíduo qualificado como *hipermoderno*, frenético, enérgico e inovador, produto da atual *modernidade exacerbada*, em contraposição ao homem razoável dos séculos passados, o que valorizava a “medida justa”, a “sensatez” e o “equilíbrio”, durante muito tempo o ideal moral e social de pessoa (Aubert, 2005). Daí as patologias adequadas aos novos tempos, marcadas pelo excesso: numa sociedade pautada por rígidos padrões de beleza e de elegância, encontramos as patologias alimentares, de oscilação entre bulimia e anorexia; numa sociedade que exige altos padrões de rendimento na escola e no trabalho, encontramos patologias como o estresse ou o *burn out*, a depressão e a ansiedade, patologias que resultam do hiperfuncionamento de si. Do mesmo modo, existem produtos que permitem enfrentar o excesso de requisitos performativos ou a sua evasão (produtos energéticos, produtos farmacológicos vários, drogas, etc.).

10. Ver Escobar, 2005; Le Breton, 2002; Lorient, 2004; Maillolchon, 2004; Ozer, Macdonald & Irwin, 2002.

11. Até à assunção da «maioridade», os jovens têm, efetivamente, poucas oportunidades para se fazerem presentes enquanto *sujeitos* (Touraine, 1995; Dayrell, 2003), vivendo uma espécie de *indiferença intantilizadora* (Giroux, 1998:28) que os coloca socialmente numa posição moratória e periférica relativamente à participação efetiva (mais do que consultiva ou representativa) em processos de tomada de decisão acerca de aspectos da vida social que os concernem diretamente.

12. Embora muitas dessas características possam, hoje em dia, ser alteradas, com maior ou menor grau de dificuldade, muitas vezes o corpo recusa-se a ser moldado de acordo com as intenções ou objetivos desejados pelo agente encarnado.

13. O impacto desta perspectiva na sociologia tem sido de tal ordem que se pode dizer já ter dado azo a um novo paradigma nos estudos sociais sobre o corpo, o qual poderá ser

designado de *paradigma animista*, no sentido em que reúne um conjunto de abordagens que tentam dar vida (*anima*) à carne e, simultaneamente, ao discurso inanimado, ao material, ao ideal: uma sociologia carnal (Crossley, 1995; Wacquant, 2003b), corpórea (Burkitt, 1999) ou encarnada (Selgas, 1994; Shilling, 2007), aproximações sociológicas que traduzem modos de conhecimento da sociedade que passam pelo seu conhecimento erótico (Sirost, 2000) ou sensual (O'Neill *et al.*, 2002), pela sua razão sensível (Maffesoli, 1996), ou por uma hermenêutica carnal (Jung, 1996).

14. Essa dificuldade já vem sendo longamente discutida na investigação sobre a mobilização do corpo na dança. Ver, por exemplo, Phil, 2004; Schott-Billmann, 2001; Thomas, 1997.

Referências

- ALPÍZAR, Lydia & Marinal BERNAL (2003). La construcción social de las juventudes. *Última Década*, n. 19, pp. 1-20.
- AUBERT, Nicole (org.) (2005). *L'individu hypermoderne*, Paris, Érès, pp. 11-24.
- BARBERO, Martin (1998). «Jovenes: des-orden cultural e palimpsestos de identidad». In: H.
- CUBIDES, M. C. LAVERDE e C. E. VALDERRAMA (orgs.) *Viviendo a toda. jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá, Universidad Central y Siglo del Hombre Editores.
- BARTHES, Roland (1999 [1967]). *Sistema da moda*. Lisboa, Edições 70.
- BAUDRILLARD, Jean (1995 [1972]). *Para uma crítica da economia política do signo*. Lisboa, Edições 70.
- BERTHELOT, Jean-Michel (1982). Une sociologie du corps a-t-elle un sens?. *Recherches Sociologiques*, n. 1-2, pp. 59-65.
- _____. (1983). Corps et société. Problèmes méthodologiques posés par une approche sociologique du corps. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. LXXIV, pp. 119-131.

_____. (1987). L'évanescence facticité du corps. *Sociétés*, n. 15, pp. 7-8.

_____. (1992). Du corps comme opérateur discursif ou les apories d'une sociologie du corps.

Sociologies et Sociétés, v. 24, n. 1, pp. 11-18.

_____. (1998). Le corps contemporain, figures et structures de la corporéité. *Recherches Sociologiques*, v. XXIX, n. 1, pp. 7-18.

BOUÇA, Dulce (2000). *Anorexia Nervosa Minha Amiga*, Porto, Âmbar.

BOURDIEU, Pierre (1980). «La jeunesse n'est qu'un mot». *Questions de Sociologie*, Paris, Minuit, pp. 143-154.

BRACONNIER, Alain & Daniel MARCELLI (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa, Climepsi Editores.

BRUCHON-SCHWEITZER, Marilou (1990). *Une psychologie du corps*. Paris, PUF.

BUDGEON, Shelley (2003). Identity as an embodied event. *Body & Society*, v. 9, n. 1, pp. 35-55.

BURKITT, Ian (1999). *Bodies of thought: embodiment, identity and modernity*. Londres, Sage.

BYNNER, John (2005). Rethinking the youth phase of the life-course: the case for emerging adulthood?. *Journal of Youth Studies*, v. 8, n. 4, pp. 367-384.

BYTHEWAY, Bill & Julia JOHNSON (1998). «The sight of age». In: Sarah Nettleton e Jonathan

Watson (orgs.). *The body in everyday life*. Londres, Routledge, pp. 243-257.

CAILLOIS, Roger (1988 [1961]). *O homem e o sagrado*. Lisboa, Edições 70.

CARMO, Isabel do (1994). *A Vida por um fio. A anorexia nervosa*. Lisboa, Relógio d'Água.

_____. (1999). *Magros, gordinhos e assim-assim. Perturbações Alimentares dos Jovens*,

Porto, Âmbar.

CASTRO, Ana Lúcia (2003). *Culto ao corpo e sociedade. Mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo, AnnaBlume.

CICCHELLI-PUGEAULT, Catherine & Vincenzo CICCHELLI, Maurizio MERICO (2002). «Les mots pour le dire. Généalogie des catégories d'adolescence et de jeunesse aux Etats-Unis, en

Grande Bretagne, en France et en Italie (1940-2000)». In : *Synthèse du Rapport Final CNAF*.

Paris, CNAF, pp. 1-19.

CONDE, Idalina (1989). *A identidade social e nacional dos jovens, juventude portuguesa. Situações, problemas, aspirações*, n. 8, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais / Instituto da Juventude.

CRIADO, Enrique Martin (1998). *Producir la juventud*. Madrid, ISTMO.

CROSSLEY, Nick (1995). Merleau-Ponty, the elusive body and carnal sociology. *Body & Society*, v. 1, n. 1, pp. 43-63.

_____. (1996). Body-subject / body-power: agency, inscription and control in Foucault and Merleau-Ponty, *Body & Society*, v. 2, n. 2, pp. 99-116.

CUNHA, Maria João (2004). *A imagem corporal. Uma abordagem sociológica à importância do corpo e da magreza para as adolescentes*. Azeitão, Autonomia 27.

DA MATTA, Roberto (1986). «O corpo brasileiro». In: Ilana Strogenberg (org.). *De corpo e alma*. Rio de Janeiro, Comunicação Contemporânea, pp. 76-85.

DAYRELL, Juarez (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, pp. 40-52.

DIRN, Louis (1999). Une jeunesse qui dure. *Sciences Humaines*, n.26, pp. 18-21.

- ESCOBAR, Manuel Roberto (2005). El cuerpo y las culturas juveniles en el contexto escolar. *Revista Javeriana*, Bogotá, pp. 68-75.
- FEATHERSTONE, Mike & Andrew WERNICK (orgs.) (1995). *Images of aging: cultural representations of later life*. Londres, Routledge.
- FEIXA, Carles (1993). *La joventut com a metàfora*. Barcelona, Secretaria General de Joventut.
- FERREIRA, Vítor Sérgio (1998). «Atitudes perante a sociedade». In: José Machado PAIS (org.). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa, Secretaria de Estado da Juventude / Instituto de Ciências Sociais, pp. 149-244.
- _____. (2003). «Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo». In: José Machado PAIS & Manuel Villaverde CABRAL (orgs.). *Condutas de risco, práticas culturais e atitudes perante o corpo*. Oeiras, Celta Editora, pp. 265-366.
- _____. (2008). *Marcas que demarcam. Tatuagem, body piercing e culturas juvenis*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- _____. (2009). Youth scenes, body marks and bio-sociabilities. *Young - Nordic Journal of Youth Research*, v. 18, n. 3, pp. 285-306.
- FLANAGAN, Constance, Michel Stout & Leslie GALLAY (2008). It's my body and none of your business: developmental changes in adolescents' perceptions of rights concerning health. *Journal of Social Issues*, 64 (4), pp. 815-834.
- GALLAND, Olivier (1990). Un nouvel âge de la vie. *Revue Française de Sociologie*, v. XXXI, pp. 529-551.
- _____. (1997). *Sociologie de la Jeunesse*. Paris, Armand Colin.
- _____. (2001). Adolescence, post-adolescence, jeunesse: retour sur quelques interprétations. *Revue Française de Sociologie*, v. 42, n. 4, pp. 611-640.

GAUTHIER, Madeleine (2000). L'âge des jeunes: "un fait social instable", *Lien Social et Politique*, n. 43, pp. 23-32.

GIDDENS, Anthony (1997 [1991]). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras, Celta.

GIROUX, Henry A. (1998). «Teenage sexuality, body politics, and the pedagogy of display». In: Jonathon S. Epstein, *Youth Culture. Identity in a Postmodern World*, Oxford, Blackwell Publishers, pp. 24-55.

GROPPO, Luis António (2000). *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro, Difel.

HALL, Stanley (1905). *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, and education*, v. I e II, Nova Iorque, Apleton.

HERZFELD, Michael (2009). The cultural politics of gesture: reflections on the embodiment of ethnographic practice. *Ethnography*, 10 (2), pp. 131-152.

HUERRE, Patrice & Martine PAGAN-REYMOND, Jean-Michel REYMOND (2000 [1997]). *A adolescência não existe. História das tribulações de um artifício*. Lisboa, Terramar.

JUNG, Hwa Yol (1996). Phenomenology and body politics. *Body & Society*, v. 2, n. 2, pp. 122.

JÜNGER, Ernest (2000). A figura enquanto um todo que engloba mais do que a soma das suas partes. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 28, pp. 9-17.

König, Alexandra (2008), «Which clothes suit me? The presentation of the juvenile self». *Childhood*, 15 (2), pp. 225-237.

LE BRETON, David (2002). *L'adolescence à risque*. Paris, Autrement.

LÉON, Oscar Dávila (2004). Adolescencia y juventud: de las nociones a los abordajes.

Ultima

Década, n. 21, pp. 83-104.

LESKO, Nancy (1996). Denaturalizing adolescence. The politics of contemporary representations. *Youth & Society*, v. 28, n. 2, pp. 139-161.

LEVI, Giovanni & Jean-Claude SCHMIDTT (1996). *História dos jovens*. São Paulo, Companhia das Letras, 2 volumes.

LIPOVETSKY, Gilles (1989 [1987]). *O império do efêmero*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

LOCK, Margaret (1993). Cultivating the body: anthropology and epistemologies of bodily practice and knowledge. *Annual Review of Anthropology*, n. 22, pp. 133-155.

LOPES, João Teixeira (2004). Que corpo, para que sociedade? Formas contemporâneas de alienação. *Manifesto*, n. 5, pp. 121-126.

LORLIOL, Marc (2004). «"Être jeune" est-il dangereux pour la santé ?». In : Catherine Pugeault-Cicchelli, Vincenzo Cicchelli, Tariq Ragi. *Ce que nous savons des jeunes*. Paris, PUF, pp. 99-112.

MAFFESOLI, Michel (1996). *Éloge de la raison sensible*. Paris, Grasset.

MAILLOCHON, Florence (2004). «De la sexualité prémaritale à la sexualité à risque». In : Catherine PUGEAULT-CICCHELLI, Vincenzo CICCHELLI, Tariq RAGI. *Ce que nous savons des jeunes*. Paris, PUF, pp. 113-127.

MARZANO-PARISOLI, Maria Michela (2002). *Penser le corps*. Paris, PUF.

MATOS, Margarida Gaspar (coord.) (2003). *A saúde dos adolescentes portugueses (quatro anos depois)*. Lisboa, Edições FMH.

NUNES, Adérito Sedas (1987 [1972]). *Questões preliminares sobre as ciências sociais*. Lisboa, Editorial Presença.

O'NEILL, Maggie & Sara GIDDENS, Patricia BREATNACH, Carl BAGLEY, Darren BOURNE,
Tony

JUDGE (2002), *Renewed methodologies for social research: etno-mimesis as performative praxis*. *The Sociological Review*, v. 50, n. 1, pp. 69-88.

ORTEGA, Francisco (2004). *Modificações corporais e bioidentidades*. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 33, pp. 247-263.

OZER, E.M., MACDONALD, T. & IRWIN, C.E. Jr. (2002). «Adolescent health care in the United States: Implications and projections for the new millennium». In: J. T. Mortimer & R. W. Larson (eds.). *The changing adolescent experience: societal trends and the transition to adulthood* (pp. 129-174). New York, Cambridge University Press.

PAIS, José Machado (1998). «Introdução». In: José Machado PAIS (org.). *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Lisboa, Secretaria de Estado da Juventude / Instituto de Ciências Sociais, pp.17-58.

PHIL, Jackson (2004). *Inside clubbing: sensual experiments in the art of being human*. Oxford, Berg.

PHILIPS, Janine M. & Murray Drummond (2001). An investigation into the body image perception, body satisfaction and exercise expectations of male fitness leaders: implications for professional practice. *Leisure Studies*, n. 20, pp. 95-105.

PINTO, José Manuel (2002). *Adolescência e escolhas. À descoberta da singularidade*. Coimbra, Quarteto Editora.

RADLEY, Alan (1995). The elusory body and social constructionist theory. *Body & Society*, v.

1, n. 2, pp. 2-23.

RESENDE, José Manuel (1999). A construção social do corpo nas sociedades de modernidade

tardia: disposições corporais distintivas e a corporalidade como recurso mobilizado nas relações e trajectórias sociais. *Fórum Sociológico*, n. 1-2, pp. 9-40.

RIBEIRO, Agostinho (2003). *O corpo que somos. Aparência, sensualidade, comunicação*. Lisboa, Editorial Notícias.

SCHMIDT, Luísa (1985). A evolução da imagem pública da juventude portuguesa: 1974-1984. *Análise Social*, v. XXI, n. 87-88-89, pp. 1053-1966.

_____. (1989). *O discurso publicitário e a construção da juventude como categoria social*.

Trabalho de Síntese para as provas de acesso à categoria de assistente de investigação. Lisboa, ICS (policopiado).

_____. (1993). Publicidade versus consumo: os jovens preferem as "colas". *Estruturas Sociais e Desenvolvimento*. Actas do II Congresso Português de Sociologia, v. II, Lisboa, Fragmentos, pp. 271-281.

SHOTT-BILLMANN, France (2001). *Le besoin de danser*. Paris, Odile Jacob.

SELGAS, Fernando J. García (1994). El "cuerpo" como base del sentido de al acción. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 68, pp. 41-83.

SHILLING, Chris (1997). The undersocialised conception of the embodied agent in modern sociology. *Sociology*, v. 31, n. 4, pp. 737-754.

_____. (2001). Embodiment, experience and theory: in defence of the sociological tradition. *The Sociological Review*, v. 49, n. 3, pp. 327-344.

_____. (org.) (2007). *Embodying sociology: retrospect, progress and prospects*. Malden, Blackwell Publishing.

SIROST, Olivier (org.) (2000). La connaissance érotique. *Sociétés. Revue des Sciences Humaines et Sociales*, n. 69, pp. 5-17.

THOMAS, Helen (org.) (1997). *Dance in the city*. Houndmills, MacMillan Press.

TOURAINE, Alain (1995). «La formation du sujet». In : François DUBET & Michel

WIEVIORKA

(orgs.). *Penser le sujet. Autour d'Alain Touraine*, Paris, Fayard, pp. 21-45.

VERÍSSIMO, Jorge (2005). *As representações do corpo na publicidade Calvin Klein*. Lisboa, ISCTE. Provas de Dissertação de Doutoramento (policopiadas).

WACQUANT, Loïc (2003a). Chicago fade. Le corps du sociologue en scène. *Quasimodo*, n. 7, pp. 171-180.

_____. (2003b). Une expérience de sociologie charnelle. *Solidarités*, n. 29, pp. 18-20.

Data de recebimento : 20/10/2009

Data de aprovação : 23/11/2009

O presente artigo é uma versão longa e desenvolvida da conferência apresentada no evento "Jovens e Rumos. Colóquio Internacional de Comemoração dos 20 anos do Observatório Permanente da Juventude" em Portugal, realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa em Fevereiro de 2009.